



GT 81. Dimensões políticas da Antropologia do Esporte: legados dos estudos de Simoni Lahud Guedes

Coordenador(es):

José Ronaldo Mendonça Fassheber (UNESPAR - Universidade Estadual do Paraná)

Em 1977 Simoni Lahud Guedes defende sua dissertação de mestrado no Museu Nacional (UFRJ) intitulada “Futebol Brasileiro: instituição zero”. Tal pesquisa inaugura, na Antropologia, os estudos sobre futebol e prenuncia, evidentemente, um inédito campo de Antropologia do Esporte no país. Apesar do trabalho citado não ter sido publicado na íntegra, direta ou indiretamente influenciou, em anos subsequentes, professoras/es e pesquisadoras/es, que se lançaram em pesquisas sobre o futebol e seus elementos constitutivos e sobre problemáticas desta nova subárea de conhecimento. A partir deste cenário instituído e da importância crescente que ganha o esporte enquanto objeto de análise na atualidade, o objetivo deste GT é resgatar o legado de uma produção antropológica sobre esportes, que possa dar conta da envergadura e da importância dos trabalhos de pesquisa desenvolvidos em âmbito regional/nacional (e também em comparação com América Latina) nas temáticas discutidas na produção acadêmica da Simoni Guedes, nos últimos 40 anos: antropologia do corpo, futebol e identidade nacional, dimensões sociais e políticas do esporte, situações de conflito entre torcedores de futebol, socialização e profissionalização via esportes, políticas públicas esportivas no Brasil e/ou na América Latina, e estudos antropológicos de práticas esportivas. Para tanto, o GT aceitará pesquisas concluídas ou em andamento, de mestrado, doutorado ou pós-doutorado vinculadas de alguma maneira a tais temáticas.

O associativismo torcedor em perspectiva: balanços de uma década de mobilizações e hipóteses de sobrevivência em tempos de tormenta

Autoria: Rosana da Câmara Teixeira (UFF - Universidade Federal Fluminense)

O associativismo torcedor no Brasil passou por importantes e profundas mutações no período compreendido entre 2000 e 2020. Contrariando as interpretações disseminadas nos meios de comunicação que afirmavam o caráter belicoso e intolerante que pautava o relacionamento entre as torcidas organizadas como um dos fatores de uma possível desagregação em um futuro próximo, observou-se a eclosão de uma nova face do fenômeno. A criação da Associação Nacional das Torcidas Organizadas (ANATORG) em 2014 representa de modo emblemático o processo de mobilização deflagrado pela realização dos megaeventos no país (Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016), pelas medidas repressivas adotadas do poder público para o controle da violência e pelo surgimento de novos estilos de torcer. A constituição desta entidade foi fruto de negociações, diálogos e disputas envolvendo lideranças das associações em todo o país estimuladas, sobretudo, pelos seminários de prevenção da violência promovidos pelo Ministério do Esporte durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff. Tais seminários favoreceram a organização de um movimento coletivo para lutar por direitos em um universo social historicamente marcado por hostilidades recíprocas e ciclos de vingança orientados por padrões de masculinidade em que a categoria nativa ?briga?, central na sociabilidade destes grupos foi colocada em xeque. Em busca do reconhecimento social na arena pública, e nas interações sociais entre as torcidas, a ANATORG lançou mão de dispositivos simbólicos, institucionais e pedagógicos. Esta comunicação pretende fazer um balanço desse processo à luz do princípio da dádiva do antropólogo Marcel Mauss e da noção de arena pública proposta por Daniel Cefai. Pretende-se por fim, avaliar o impacto da atual conjuntura política, marcada pelo desmonte das políticas públicas desenvolvidas até então. A redução do Ministério do Esporte a uma pasta no interior do Ministério da Cidadania, e a ampliação das penas com o projeto de lei n.13.912/19 sancionado pelo presidente da república Jair Bolsonaro destruíram



os canais de comunicação entre torcidas organizadas e autoridades governamentais. Entregues à própria sorte, as agremiações torcedoras vivenciam o acirramento dos episódios violentos, e disputas no interior das mesmas voltam a se intensificar. Contudo, em meio a este cenário de tormenta, marcado pelo cerceamento da liberdade de expressão e pelo enfraquecimento da entidade nacional, que hipóteses de sobrevivência as torcidas organizadas têm formulado? Esta apresentação tem como fundamentos metodológicos a observação participante, o acompanhamento e o registro das ações coletivas torcedoras de modo sistemático ao longo dos últimos dez anos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: